

# RESURGIMENTO

SEMANÁRIO NACIONALISTA

Director e Editor, **ANTÓNIO-LINO**

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84  
Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão  
Propriedade da Empresa Editora Vimaranesa

## A' MARGEM

**ACHAMOS INTERESSANTE** para os nossos leitores — e agora que o Paço dos duques de Bragança e Guimarães se nos mostram já na sua imponência — transcrevermos umas notas, datadas do ano de 1762, sobre o mesmo Paço, e que se encontram no Arquivo Municipal, Maço 228 — D.º 49).



**SENDO MEDIDO ÉSTE PALÁCIO** e Paços pela parte do Norte, tem de comprido, de nascente a poente, 52 varas e meia; confronta desta parte com a Igreja, digo com o olival de S. Miguel do Castelo; tem por esta banda *hum alpendre assentado em oito pilares de pedra para cuja parte tem huas portas fronhas com suas escadas de pedra* he entrada de Se-leiro dos mesmos Paços.



**E MEDIDOS PELA PARTE** do poente, tem de largo de Norte a Sul 52 varas e meia; parte com o olival da dita Igreja de S. Miguel do Castelo: tem por esta parte duas portas entradas das logeas, e hua dellas he larga, e tem por cima hum alpendre telhado assentado em dois pillares de pedra; — e sendo medido pella parte do Sul tem de Nascente a Poente 52 varas: confronta com o muro das freiras de Santa Tereza do Carmo para cuja banda tem muita quantidade de janelas feitas no tempo antigo com suas cruces de pedra nos largos delas.



«OS CENTENÁRIOS, COMO GRANDE FESTA DE FAMÍLIA, NÃO INTERESSAM SÓ A CAPITAL; A PROVÍNCIA, AS ILHAS, TODOS OS DOMÍNIOS TÊM DE PARTICIPAR NELA.»

SALAZAR.



«1140 EXPLICA 1640, COMO 1640 PREPARA 1940. SÃO TRÊS ANOS SAGRADOS DA NOSSA HISTÓRIA: O ANO DO NASCIMENTO, O ANO DO RENASCIMENTO E O ANO APOTEÓTICO DO RESURGIMENTO. O QUE VAMOS FESTEJAR NÃO É, PORTANTO, APENAS O PORTUGAL DE ONTEM, MAS O DE HOJE; NÃO APENAS O PORTUGAL DE D. AFONSO HENRIQUES E DE D. JOÃO IV, MAS O PORTUGAL DE CARMONA E SALAZAR.»

ANTÓNIO FERRO.

## Q U E R E R

**E** mais um ano acaba, outro começa, insensível no seu girar certo, indiferente em seu andar de sempre, mais uma incógnita — como não, se há sempre dúvidas no que passa, incertezas no que se aproxima — e, queria dizer, mais uma esperança que nasce para morrer em dura realidade... a dobadura não pára, gira, gira sempre, um novo ano começa.

Mas a alma não quer parar: deixar-se morrer na inutilidade dum negativismo e nihilismo destruidor. Sejam até os *moínhos de vento*, o espírito não sabe desertar, a sua razão de ser será sempre lutar, caminhando sempre em busca do Ideal Prometido, a Vida, anseio ou certeza êle continua e luta: vive. «Eu creio no primado do espírito» — que importa tudo, que importa a dúvida, que importa a incerteza, que importa a traição, a ingratidão e o sacrifício «se eu penso» — e por isso eu existo.

Parar é morrer, destruir; só lutando se constrói, se vive. Nem campos de rosas, quimeras de poetas — neste momento não cabem; nem vergados ao pêso dum destino fatalista esperarmos o fim, de braços cruzados. Do que precisamos é de realizarmos o domínio de nós próprios, a força de vontade.



Ano que acaba na dor, outro que começa como acabou aquêle, não nos traz ficções para lhe erguermos castelos, fantasiar-lhe venturas — é a guerra.

Acabou uma em sonhos de construir um mundo melhor e ainda mais o destruiu — os ideais eram de morte. Um mundo melhor — como, se não se constrói mas se destroça?

De novo os falsos profetas se assenhoream das trombetas do templo, mas as almas não lhe respondem à chamada porque não são ainda os *sinais dos tempos*.

De semelhante confusão de

ideias e de palavras não pode nascer ainda a Verdade. Em tam pouco tempo não se pode esquecer.

Um ano que acaba...

Começa, a Espanha em labareda ainda, numa confusão tremenda, com uma S. D. N. de Negrins, uma farsada não interventionista, a Grécia e a Noruega, pegando ao andar — o santo era a U. R. S. S.; e só assim dura três anos longos o que poderia ter durado apenas três breves meses.

Acaba, como a S. D. N., como deveria ter principiado — expulsando os falsos apóstolos.



Nesta babel da Europa é Portugal que assegura, porque nada o fêz largar e sempre o tem mantido bem alto, o facho da nossa civilização cristã.

Paz aos homens... e 75 por cento em guerra!

Ao menos saibamos merecer a nossa paz.

Unamo-nos, neste cantinho, os de boa vontade. Mas prèguemos a união com lealdade — pratiquemos primeiro a justiça para quem a merece. E' que só ela nos dá a autoridade — e sem ela não há força que possa unir. Não terá autoridade para unir quem causou a desunião.

Paz aos homens de boa vontade. Portugal bem na merece. E, neste ano que começa, quem agora faz 800 anos, é obrigação de todos o seus filhos, abrigados pelo mesmo teto, em roda da mesma lareira, dedicarem-lhe todo o seu esforço em prol dum futuro melhor, digno do seu passado.

Incertezas, dúvidas, sacrifícios, não atemorizam a gente môca.

Querer, vontade, «é a nossa divisa».

E Portugal será o que nós quisermos.

ANÓNIO-LINO.

## A' MARGEM

**E MEDIDOS PELA PARTE** de nascente, tem de Norte a Sul 53 varas; parte confronta com o muro da villa e Rossio que possui Troquato Luiz que fica contra o dito muro; e por esta banda tem estes Paços três Torriões de pedra, no primeiro torrião tem hum escadorio de pedra e tem por esta banda muitas janelas e barandas de pedra e tem cruces de pedra pelo meio, e algúas estão tapadas e outras abertas *entre as ditas janelas estão muitas gelozias pequenas, huas e outras abertas e dentro destes Paços tem o arco da entrada para o lugar onde foi a Capella e o dito arco está formado sobre seis colunas de jaspe ou marmore, tem varias chaminés e arcarias e tem tres salas cobertas por telha que actualmente servem de sileiro e hua cozinha sobradada com suas janelas para a parte de dentro do Palácio.*



**TEM QUATRO LOGEAS**, duas grandes e duas pequenas que servem de seleiro de vinho e mais despejos e tem logo pela parte do Norte onde he a entrada do seleiro onde ficam os alpendres, onde está um roxio que tem de comprido do Norte a Sul 127 varas e meia — e parte com o olival do adro da dita Igreja de S. Miguel do Castelo e roxio abaixo medido e quintal que possui Gonçalo Peixoto.



**PROVARIA Q.** suposto o dito Palácio estivesse desarmado do tecto, estava ilezo e sem ruína das paredes de todos os lados, menos da parte do poente que suposto dele tirara parte da pedra da parede daquela banda para a edificação do Convento de Santo António dos Capuchos, fora sem licença de sua Magestade.



O documento 4 traz o compromisso da confraria de S. Miguel do Castelo.



«OS INIMIGOS DO FASCISMO EMPENHAM-SE, CONSTANTEMENTE, EM PROVOCAR MAL ENTENDIDOS ENTRE A ITÁLIA E AS NAÇÕES QUE ELA MAIS ESTIMA.

«... EU ESTIMO, SINCERAMENTE, O POVO PORTUGUÊS, COMPREENDENDO A SUA LÍNGUA COMO O ITALIANO, CONHEÇO MUITO BEM, EM TODAS AS SUAS PÁGINAS, A BRILHANTÍSSIMA HISTÓRIA DE PORTUGAL, ADMIRO, PROFUNDAMENTE, A SUA LITERATURA...»

MUSSOLINI.

# D A C I D A D E

## VIDA CATÓLICA

### Domingo depois do Natal

**Evangelho** (Luc., II, 33-40). — O pai e a mãe de Jesus estavam admirados das cousas que se diziam dele. E Simeão os abençoou, e disse para Maria, sua mãe: «Eis aqui está pôsto este menino para ruína e para ressurreição de muitos em Israel, e para ser o sinal da contradição (e será esta uma espada que traspassará a alma de ti mesma), a fim de se descobrirem os pensamentos que muitos terão escondidos nos corações». E havia uma profetisa chamada Ana, filha de Phanuel, da tribo Aser, a qual havia já chegado a uma idade muito avançada, e tinha vivido sete anos com seu marido desde a sua virgindade. Achava-se esta então viúva, de idade de oitenta e quatro anos. Não se apartava do templo, onde servia a Deus de dia e de noite com jejuns e orações. Esta pois, sobrevindo na mesma ocasião, dava graças a Deus, e falava do menino a todos os que esperavam a redenção de Israel. E depois que eles cumpriram tudo segundo a lei do Senhor, voltarei à Galileia, para a sua cidade de Nazaé. Entretanto o menino crescia e se fortificava, cheio de sabedoria; e a graça de DEUS era com ele.

**Homília** — Nosso Senhor é admirável em todos os mistérios da sua vida por causa do amor que com eles nos mostra e dos ensinamentos que nos dá. No mistério da Circuncisão o amor de Jesus por nós é em extremo impressionante, porque desde o bérço chora e sofre por nossa causa; e para nos instruir apresenta-se-nos sob três aspectos diferentes: como homem, como pecador e como salvador.

*Nosso Senhor torna-se semelhante aos homens por amor de nós.* Mostra-se homem, submetendo-se a uma lei muito custosa, a sua operação dolorosíssima. A circuncisão era uma prova de sujeição à lei mosaica... Ora Jesus, sendo Deus, está acima da lei e por esse motivo não é obrigado nem

à circuncisão nem ao resto da lei. Além disto, sendo a circuncisão o remédio do pecado original, não podia obrigar aquêle que por sua natureza está isento de toda a mancha de pecado e que na sua conceição e no seu nascimento nada tinha contraído de impuro. Por tanto, se Jesus quer submeter-se a ela é em primeiro lugar para nos remir. *Nosso Senhor tomou a aparência de pecador por amor para conosco.*

O' maravilhosa invenção da sua misericórdia e do seu amor! Ah! Jesus inocente quer aparecer pecador perante o mundo... e nós, miseráveis pecadores, dignos do inferno, por uma deplorável e criminosa subversão da ordem, aspiramos a passar por honestos, justos, bons, santos, sem nos preocuparmos com ser tais aos olhos de Deus... Insensatos que nós somos! *Nosso Senhor torna-se realmente Salvador.*

Na verdade êle toma o nome de Salvador e cumpre a sua missão... Veio à terra para este fim e apressa-se a exercer as suas funções... Sangue, porém, é necessário para a nossa salvação. E' por isso que êle, apenas nascido, começa a derramar algumas gotas de seu sangue precioso... e se o não derrama todo nesta altura da vida, é para o derramar em mais abundância e no meio de maiores dores no Calvário.

Que vivo reconhecimento e que amor não deveríamos mostrar ao nosso Salvador que nos amou tanto! Tende, pois, em nome do nosso divino Redemptor um pouco de zelo e boa vontade. Que felicidade participar com Jesus no resgate, na salvação das almas! E que recompensa! *Vinde bemditos de meu Pai.*

Assim, pois, meus irmãos, reconhecimento e amor por Jesus. Mas também: *Inspice et fac secundum exemplar:* imitai a sua obediência, a sua humildade, a sua paciência e caridade! Pedi à SS. Virgem que vos ofereça a seu divino Filho para em tudo cumprirdes a sua vontade e merecerdes gozá-la por toda a eternidade. Amen.

## ESCOLA INDUSTRIAL

### A bênção da sua nova bandeira. Ofertas de vestuários aos seus alunos pobres. M. P.

Na sua naturalidade simples teve um alto significado a festa realizada na Escola Comercial e Industrial de Francisco de Holanda, no passado dia 22: a bênção da sua nova bandeira e a distribuição de peças de vestuário aos alunos pobres.

Presidência pelo ilustre director da Escola, escultor António de Azevedo e secretariado pelos srs. tenente Mário Pinheiro, director do Centro da Mocidade da mesma escola, e padre Borges de Sá, pároco de S. Sebastião, era preenchida o resto da mesa pelo corpo docente e jornalistas.

Começou a festa pela entoação do hino da M. P., findo o qual foi dada a palavra ao sr. Mário Menezes, professor e director da caixa escolar pro-

motora, com o núcleo da M. P., da festa. Fala da comissão angariadora de fundos para a bandeira, de Mestre Azevedo que a desenhou, da professora e alunas que a confeccionaram, da antiga direcção da Caixa Escolar e da nova que muitos para ela contribuíram. Friza a importância desta escola para a cidade de Guimarães, agradece os subsídios que tem recebido das últimas câmaras e termina, dirigindo-se aos rapazes, confiado no grande futuro que espera a Mocidade Portuguesa e saudando o sr. tenente Mário Pinheiro, director do núcleo desta Escola e grande auxiliar na educação dos rapazes.

Um filiado da M. P. dirige uma saudação aos mestres e companheiros.

## NOTICIÁRIO

### Aniversários

Dezembro, 30 — D. Margarida de Mendonça Póvoas Leite de Castro.

31 — Capião José C. de Menezes (Margaride).

Janeiro, 1 — Dr. Pedro de Barros.

2 — D. Maria Antónia Correia de Barros Cardoso de Menezes.

5 — D. Francisca Maria Cardoso de Menezes Salema, D. Maria Henriqueta de Melo Sampaio (Pombeiro).

6 — D. Ana Amélia Cabral da Costa Pinho, D. Maria Helena Gonçalves Martins da Cunha Guimarães.

### Natal

Com muita concorrência realizou-se a tradicional ceia de S. Crispim.

— A Legião Portuguesa distribuiu pelos legionários pobres a consoada.

### Telefone

E' dum mau gosto a *cabine* para o telefone dos motoristas, na Praça de D. Afonso Henriques.

### Capitão Henrique Galvão

A tratar de assuntos referentes às festas centenárias, esteve nesta cidade o ilustre director da Emissora Nacional.

Um aluno declama os versos do hino da Escola. A aluna Maria Antónia Azevedo, madrinha da bandeira, lê em seguida a interessante saudação:

«Há perto de dois anos, que numa linda festa, realizada nesta Escola, a nossa bandeira foi consagrada para, desde então, nos representar em todos os actos em que a nossa presença se impusesse. Mas, embora essa festa nos desse plena satisfação por vermos o êxito coroar o nosso esforço, nós sentíamos que a nossa bandeira estava incompleta, que alguma coisa lhe faltava.

E' verdade que o que lhe faltava não podia ser feito nessa noite de alegria, mas num ambiente mais recatado, mais íntimo, mais familiar, mais da Escola. Faltava à bandeira qualquer coisa que as nossas mãos não podiam fazer, que os nossos olhos não viam (nem podiam ver!) a Bênção, a mesma Bênção que tem guiado e alumiado aquela bandeira que hoje representa a mesma que, há 8 séculos, daqui, desta terra, acompanhou o nosso primeiro rei e nos deu a Pátria livre de que hoje, mais que nunca, nos orgulhamos de ser filhos.

E' essa mesma bênção, duma religião que nos foi transmitida e que queremos manter, que o sr. padre Borges vai lançar para dar ao nosso espírito a tranquillidade do dever cumprido.

E para terminar estas breves palavras, eu desejo apresentar à Direcção da Caixa Escolar, com os meus mais ardentes votos pela sua prosperidade, para que continue a já tam apreciável obra de assistência e amparo aos alunos pobres, o meu reconhecimento por me ter escolhido para madrinha da nossa querida bandeira.

Muito e muito obrigada.»

Procedeu-se em seguida à bênção da bandeira, finda a qual o rev. padre Borges dirige uma exortação à gente moça, lembrando-lhe o signifi-

Para a próxima semana de novo aqui virá, sendo então estabelecido definitivamente o programa das festas nesta cidade.

### Os palheiros

Soubemos que no orçamento camarário não foi votada verba alguma para a solução deste problema, o que lamentamos.

### Em férias

Encontram-se nesta cidade os srs.: engenheiro Duarte Amaral e família, António Cruz, aspirante de aviação Carlos Amado, aspirante Gaspar Amaral, sargento-cadete Luiz Vasco Ferreira Pedras, arquitecto José António de Sequeira Braga, tenente Miguel Tobias de Sequeira Braga, Joaquim Nicolau de Carvalho e dr. Nuno de Freitas.

### Santuário da Penha

O dia de trabalho oferecido pelos operários da Fábrica da Caldeira rendeu 1.262\$00.

### Desastre

Sofreu um desastre de automóvel o digno capelão da V. O. de S. Domingos, felizmente sem consequências.

cado da cerimónia a que acabaram de assistir. Distribuíram-se então peças de vestuário a alunos pobres por intermédio da Caixa Escolar e do Centro da M. P., terminando a festa pelo Hino Nacional cantado pela M. P.

De há muito que tencionavamos focar a acção que o grande Artista António de Azevedo tem tido na direcção da Escola Comercial — parece que até sem a cidade dar por isso, antes pelo contrário. O seu edificio tem sofrido uma radical modificação: salas aquecidas e arranjadas, as janelas com armação em ferro, mobiliário, ambiente, tudo tem sido resolvido e construído sem descanso. Não falamos já no arranjo do seu largo, da construção e ajardinamento da sua piscina. Muito deve Guimarães a este Artista — o Jardim do Carmo é um conjunto encantador e para invejar — e se mais não se fêz deve-se à sua ingratidão.

Numa terra onde só os curiosos são incensados, António de Azevedo viu-se isolado nos seus primeiros tempos e não só isolado como até atacado cobardemente e caluniado. Habitados à arte dos habilidosos não compreendiam a verdadeira Arte.

Vai Mestre António de Azevedo fazer o arranjo do Largo de S. Francisco. Na certeza de mais um conjunto esplêndido que a cidade lhe fica devendo, desde já lhe enviamos os nossos parabens.

### Rectificação

Na nossa local intitulada **Política da Verdadeira União Nacional**, publicada na 2.<sup>a</sup> página do nosso último número fala-se mais duma vez em *acusações personalistas e acções pessoais*.

E' fácil de ver que se deve ler *acções personalistas e acções pessoais*, aliás o sentido não ficava muito claro.

## Comparticipações

O Diário da Governação n.º 293, II série, de 18 de Dezembro de 1939, publicou a seguinte portaria:

*Distrito de Braga — Concelho de Guimarães*

### Pavimentação e sinalização

Capítulo 3.º, art. 16.º, n.º 2.º, alinea b)

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações, conceder à Câmara Municipal de Guimarães uma comparticipação de 134.084\$60, pelo Fundo de Desemprego, nos termos do decreto n.º 21.699, de 19 de Setembro de 1932, para a execução do seguinte trabalho:

Pavimentação a paralelepípedos e renovação de passeios da zona principal da cidade, obra orçada em:

Mão de obra . . .	134.084\$60
Materiais . . . . .	236.976\$40
	371.061\$00

A liquidação da comparticipação será feita mensalmente em conta corrente com a Junta Autónoma, de Estradas, nos termos dos artigos 110.º e 117.º do decreto n.º 21.699.

A fiscalização desta obra ficará a cargo da Junta Autónoma de Estradas e deverá ficar concluída dentro do prazo de seis meses.— O Ministro das Obras Públicas e Comunicações, *Duarte Pacheco*.

\* \* \*

Trata-se, como já todos viram, da comparticipação que há dias foi conhecida na cidade e festejada com toque de sinos. E o caso não é para menos. São 134 contos que o Estado oferece à Câmara de Guimarães para gastar em obras que só à cidade de Guimarães interessam. Bem haja pois o Estado Novo e bem haja o sr. Ministro das Obras Públicas, por intermédio do qual o Estado Novo concedeu tamanho benefício à nossa terra.

A obra, como se vê da portaria transcrita, é comparticipada pelo *Fundo do Desemprego*. Ora por este fundo as comparticipações, que não podem ir além de 50 % do orçamento, apenas incidem sobre a mão de obra. No caso presente a mão de obra está calculada em 134.084\$60 e o Estado paga-a integralmente, pois a comparticipação é da mesma importância. Sendo o custo total da obra 371.061\$00, a comparticipação atinge a percentagem de 36 %. Quere dizer que o Estado paga pouco mais dum terço parte da obra, pagando a Câmara os restantes dois terços.

Depois disto haverá ainda quem sustente que não é *criminoso*, sob o ponto de vista administrativo, desprezar as comparticipações do Estado e teimar em efectuar sem comparticipação obras que o Estado poderá subsidiar pelos seus fundos especiais?

A obra a realizar-se na zona principal da cidade, como na portaria se especifica, deve abranger a praça D. Afonso Henriques, o largo de 28 de Maio e a rua de Santo António. O projecto foi organizado por ordem do sr. capitão Magalhães Couto, quando presidia à Câmara.

## Relatório da gerência camarária no ano de 1938

Determina o Código Administrativo que ao Conselho Municipal seja apresentado, na sua sessão ordinária, o relatório da gerência. O que este ano se apresentou e diz respeito à administração de 1938 reduz-se a muito pouco: *vinte linhas de considerações e três páginas de números*. Vamos transcrever as primeiras e fazer-lhes leves comentários.

«Por uma errada interpretação da lei submeteu-se, em 2 de Novembro de 1938, à vossa (dos senhores conselheiros municipais) discussão e votação o relatório da gerência do ano económico de 1938, que necessariamente tinha de ser incompleto, por não ter terminado o ano a que a gerência se referia.

Como nêle se afirmou o ano decorreu normalmente. Contrariamente ao que ali se presume as receitas ordinárias ficaram aquém do montante previsto no respectivo orçamento.

Na verdade estando a receita ordinária orçada em 2.597.515\$40 apenas se cobraram 2.358.051\$41 de receitas da mesma espécie. Apesar disso o saldo da gerência foi de 376.584\$77, para o que contribuiu a circunstância de não serem pagas despesas consideráveis feitas nesse ano.

No relatório a que nos vimos referindo, naturalmente por lapso, escripturaram-se muitas verbas que não estão de harmonia com os livros da contabilidade municipal. Temos portanto de o corrigir e completar.

Seguindo a orientação nêle adoptada somos obrigados a agrupar as despesas sob as seguintes rubricas: urbanização, serviços municipalizados, melhoramentos rurais, assistência, turismo e propaganda, referindo-nos depois às despesas omitidas.»

Estas as considerações do relatório, que afinal se resume a uma crítica muito superficial ao que fôra apresentado em 1938, «por errada interpretação da lei». Ora a verdade é que quem subscreve o relatório apresentado em 1939 era membro do conselho municipal em 1938 e não viu então que a lei era erradamente interpretada e antes contribuiu, com a sua aprovação e autoridade de homem de leis, para

confirmar a interpretação que se dava então à disposição do código relativo ao caso. De resto tal interpretação era dada em muitas câmaras e nomeadamente na de Braga. Em Guimarães foi apresentado em 1937 ao Conselho Municipal o relatório da gerência de 1936. Em 1938 seguiu-se critério diferente em virtude do exemplo alheio.

Diz-se no documento que estamos analisando, e que devia ser o mais importante de toda a administração municipal, que as receitas ordinárias arrecadadas não atingiram o que estava previsto no orçamento. Seria conveniente e até necessário que se dessem as razões desse facto: se fôra porque o orçamento das receitas estava exagerado ou se o facto se deve a outras causas e quais. Mas nada se diz a tal respeito.

Era também necessário que se esclarecesse o conselho sobre o modo como se tinham comportado as receitas dos diversos capítulos do orçamento: quais as que se tinham mantido como nos anos anteriores, quais as que manifestavam tendência para aumentar, quais as que tinham diminuído e explicar as razões dos factos observados. Mas nada disso se fez.

Interessava também ao Conselho Municipal ser informado de como se tinha dado cumprimento ao plano de actividade municipal aprovado no ano anterior pelo mesmo conselho e nem uma palavra se diz a tal respeito.

Quanto às despesas apenas se faz a sua enumeração sem qualquer comentário, salientando-se apenas que algumas delas figuram no relatório apresentado em 1938 com verbas superiores às que se verificaram no fim do ano.

Esta discrepância não é explicada e precisava de sê-lo, tanto mais que nalguns casos a diferença é considerável. A terraplanagem da estrada da Deveza ao Regalo figura com 18.800\$00 e 840\$00. O Conselho Municipal precisava de saber como isto foi e ninguém lhe disse nada. É muito lamentável que assim tenha acontecido.

Em conclusão: o relatório tal como está podia muito bem ser elaborado por qualquer escripturário da contabilidade.

VERAX.

## Corporativismo

Os nossos inimigos, talvez para abafar os seus erros, não cessam de acusar a ordem presente. E citam um feixe de factos. Primeiro as palavras de Loyd Jorge já citadas em número anterior. Dizem: a contradição interna do capitalismo ressalta do facto deste regime de abundância de produção fomentar o desemprego e a miséria. Ou ainda: num relatório técnico seriíssimo do Sr. M. C. Armitage estabelece-se cientificamente que a maquinaria de grande rendimento dos Estados Unidos não pode ser empregada em Inglaterra porque o equipamento actual pode já produzir mais do que o mercado absorve.

Já várias vezes foi provado que bastavam as fábricas americanas das

principais indústrias para abastecer o mundo inteiro, ainda que desaparecessem todas as outras.

Vejamos as estatísticas fornecidas pelo Bureau International do Travail, em Genebra. Estabelece-se que a produção se avolumou 5 ou 6 vezes mais de 1860 a 1932, que só na U. R. S. S. passou do índice 59 ao índice 240, de 1925 a 1932. Mas ainda mais depressa que a produção efectiva cresce a capacidade de produção: nos E. U. bastariam 200 fábricas de calçado para produzir tudo o que produzem as 1.357 manufacturas existentes, e 1.487 minas de carvão tudo o que se extrai das 6.067 minas existentes.

Diz o *Times* se se pudesse nos E. U. voltar ao volume de produção

de 1929 (o melhor ano), não se poderiam reempregar senão 45 % (menos de metade) nos 12 milhões de desempregados.

A máquina vai mais depressa que o homem. É duvidoso que se possa, mesmo com maior mercado, criar rapidamente outras indústrias para empregar a mão de obra disponível.

Onde pois a Verdade social, que o nosso espírito de caridade e justiça ansiosamente procura? Já vimos o perigo de quem aceita como bom um sistema, desde que seja uma teoria brilhante.

Bem dizia o jornal nacionalista *Acção*: «Para o exercício duma crítica serena não podemos abstrair das realidades humanas, sem perigo de cairmos em especulação pura onde a gymnástica mental pode conduzir-nos por vias lógicas à contradição e ao erro.

O mais seguro método será o de comparar as reacções humanas em face de certos factos humanos também, mas permanentes e imutáveis.»

A propósito do perigo dos sistemas só teóricos é significativo o exemplo do maior malfeitor dos tempos modernos, Marx.

Descobriu-se efectivamente ao estudar as suas teorias que elas repousavam sobre três bases muito arbitrarias e falíveis:

1.ª sobre a *observação* de que o maquinismo se desenvolveu a princípio na Inglaterra;

2.ª sobre o *exagêro* de que não podia desenvolver-se senão lá e que devia lá desenvolver-se necessariamente;

3.ª sobre esta *petição* que não se poderia desenvolver lá sem o concurso duma certa transformação da propriedade agrícola, que suprimindo com os baldios, os pequenos proprietários, e os jornaleiros que viviam deles, lançasse sobre o mercado capitalista, recentemente alargado, uma mão de obra necessária e abundante. Visto os perigos duma teoria, brilhante embora, procuremos do-sear a teoria e a prática.

Mas onde teremos a prática? Convinha fazer aqui o elogio da história, mas da história pensada e não decorada, tam desprezada em geral pela mocidade do século xx.

Temos na história uma perene fonte de ensinamentos, um monumento grandioso argamassado pelos esforços dos nossos antepassados, a crónica dos seus pensamentos, das suas aspirações; o desfazer das suas ilusões, a eternidade das experiências definitivas; as cristalizações da Fé e do Pensamento, da Verdade e do Erro. Para que nos aventuremos a emprêsas teóricas, se a sua experiência está feita no passado e os seus dados registados?

Será num banho salutar no passado que depuraremos e fortaleceremos as nossas convicções. E comecemos pelos mais próximos, baixando até aos bons tempos da monarquia orgânica.

1925 — Apareceram em Portugal as primeiras organizações operárias comunistas e socialistas. Análise da situação: as indústrias estão em crise; a agricultura definha; milhares emigrantes para o Brasil, falem Bancos sobre Bancos; o País tem uma dívida orçamental de 200 e tantos mil contos; a dívida externa e interna soma 2 milhões de con-

(Continua na página seguinte)

## 1940 — Ano Português

Nação-madre de povos e de terras, desenhador dos contornos da maior parte dos continentes do globo, por suas mãos arredondado, Portugal foi como aquêles robles gigantes que remoçam à medida que se desdobram em novos ramos e espalham novas sombras. Como disse o Presidente do Conselho, na nota oficiosa referente às comemorações centenárias, «Portugal não durou porque se furtou a viver; durou precisamente porque viveu — a vida intensa do soldado, do trabalhador da terra, do explorador do mar, do descobridor, do missionário, do portador duma doutrina e duma civilização».

São, pois, oito séculos de vida e não um sono de oitocentos anos que em 1940 Portugal comemora. E vai fazê-lo com um ciclo de festas grandiosas e uma série de realizações magníficas que atestarão ao mundo que a pátria do Infante D. Henrique, o homem que descobriu o mar, e de Camões, o poeta que o prendeu em «Os Lusíadas» como num búzio, continua na sua missão de Nação civilizadora.

Se os povos felizes são os que não têm história, são felicíssimos somente aquêles que, no seu presente, encontram forças para continuar com o orgulho e sem inveja a glória do seu passado.

Portugal, que goza hoje de plena saúde moral e de confiança absoluta nos seus destinos, pôde por isso preparar-se, ativo e alegremente, para festejar o oitavo centenário da sua fundação, os oito séculos da sua história, que foram, por vezes, marcos milenários da história do mundo.

No vasto programa de actos, solenidades, manifestações e comemorações, modificado e condicionado pelos acontecimentos internacionais, ocuparão lugar de primacial importância três números que são como que a síntese dos oito séculos de história: o Congresso do Mundo Português e o Cortejo do Mundo Português, ou sejam, respectivamente, a doutrina, a documentação e a apoteose, o texto de história, o atlas e o filme da projecção universal de Portugal.

Entre os grandes melhoramentos a inaugurar no decorrer d'este ano, figurarão como principais um aero-pôrto, uma auto-estrada, um estádio, um parque florestal, hospitais-escolares, bairros de casas para operários, diversos monumentos e a valorização e o engrandecimentos de quanto representa em Portugal um padrão de glória ou de beleza.

As comemorações, que se pretendem sejam a «grande festa nacional», interessam não só a Lisboa, mas à província, às ilhas adjacentes e a todos os domínios portugueses. Independentemente das festas e obras que, incluídas no programa oficial, se realizarão em diversos pontos do país, efectuar-se-ão assim muitas outras celebrações em todo o império português.

E todas essas comemorações — dos espectáculos de arte às festas populares nos bairros típicos, dos cortejos grandiosos às edições de obras de divulgação cultural, das manifestações de actividade das forças vivas da Nação à alegria do povo — afirmarão ao mundo a eterna mocidade do mais velho país da Europa.

Visado pela  
Comissão de Censura

## O COMÉRCIO EXTERNO

O «caso das libras», suscitado por uma campanha de boatos que agitou a pequena parcela de opinião pública interessada em perturbações políticas, deu lugar a que Salazar esclarecesse o País sobre algumas possíveis repercussões do actual conflito europeu no comércio externo português.

Queremos referir-nos à comunicação em que o Chefe do Governo respondeu às perguntas contidas no aviso do sr. deputado Vasco Borges.

Nela se explica, em função das circunstâncias, as últimas baixas de cotação da libra. A baixa de cotação deixou de ser devida à necessidade de reajustamento dos preços em ouro; é uma nova cousa de encarecimento das mercadorias, agravada pelas que provêm da guerra. Por outro lado, a libra passou a ter um valor fixado pelas autoridades monetárias inglesas, que pode manter-se para uso interno mas não passa de aparência para as relações monetárias das outras nações.

Por estas razões, o Governo resolveu que a moeda portuguesa não acompanhasse as oscilações, a depreciação e o futuro incerto da libra

nas actuais emergências internacionais. A alta acentuada de preços, resultante do estado de guerra, acresceria o agravamento cambial, tanto mais ruinoso quanto a própria guerra deverá transferir muitos negócios nossos para a América do Norte bem como para outros países que desligaram as respectivas moedas do esterlino.

Quere dizer: a separação da libra da nossa moeda impunha-se como medida útil e indispensável à economia nacional visto que as moedas de outros países para onde se deverão transferir muito dos negócios, não acompanham a baixa da libra.

O que acabamos de escrever, isto é, o resumo da exposição do Sr. Presidente do Conselho sobre as razões que determinaram o Governo a desligar o escudo da libra, é o que mais de substancial resulta da discussão suscitada por este caso. De tudo o mais que se passou, só deve ficar, como exemplo de aprumo moral, de elegância de lisura de processos, a forma digna como Salazar desfez a intriga malevolamente urdida em volta duma transacção cambial normal e que nada tem de irregular.

J. C.

## O problema da luz

Final, ao contrário do que aqui afirmamos em o número anterior, a Junta Nacional de Electrificação, segundo nos informam, deu à Câmara o seu parecer franco e decidido quanto ao magno e tam debatido problema da luz, pronunciando-se a favor da concessão.

Gostávamos de ver tanto o estudo feito pelo engenheiro electrotécnico que a Câmara encarregou do assunto, como a consulta e a resposta da Junta de Electrificação Nacional, porque, afinal, ainda há quem se interesse pelo assunto e seja capaz de o compreender. Constatou-nos, por exemplo, que o referido engenheiro se pronunciava decididamente pela municipalização. Com certeza se apoiava em factos que apresentava. Como foram êles desfeitos? Gostávamos de saber.

Recebida aquela informação, a Câmara começou logo a ocupar-se do assunto. Realizou-se na passada quarta-feira uma entrevista entre a Câmara e Bernardino Jordão & Filhos.

A atitude enérgica e inteligente dalguns dos senhores vereadores fez que o problema se pusesse como devia ser pôsto, e Bernardino Jordão & Filhos foram convidados a apresentar nova proposta em que sejam concretizados certos pontos da anterior, insistindo-se sobretudo no que

se relaciona com a electrificação rural.

Estamos confiados em que o assunto não será resolvido de afogadilho e que, seja pela municipalização, seja pela concessão, os interesses dos munícipes em todo o concelho ficarão devidamente defendidos.

Mas é preciso não esquecer que não há a defender apenas os interesses dos habitantes da cidade. Esses já estão bem servidos, e se não houvesse necessidade de levar a energia eléctrica a todo o concelho, não teríamos também dúvida em afirmar que a melhor solução seria fazer a concessão, por meio de concurso evidentemente, como o código administrativo determina, concurso em que a firma Bernardino Jordão & Filhos nenhuma dificuldade teria em ficar preferida.

Mas trata-se também e principalmente das freguesias rurais e não nos parece que o caso seja tam simples como alguns o querem ver.

Entretanto confiemos em que o problema será devidamente estudado e resolvido conforme o bem da colectividade aconselhar.

VERAX.

*Nota da Redacção.* — Este artigo devia publicar-se no número anterior, não tendo sido por nos ter sido enviado com pouca antecedência.

## CORPORATIVISMO

(Continuação da página anterior)

tos; escândalos e escândalos; a marinha apodrece; o Exército morre sem tiros e sem ter com que dá-los; encara-se a hipótese da venda de uma das colónias; a S. D. N. fala em impor-nos a sua tutela económica; bombas e greves inúmeras; fios ainda há uma desordem total mais nas inteligências que na rua; enfim, a situação é de tal modo grave que alguém de responsabili-

dade pôde exclamar no Parlamento: «o País está a saque!».

1908-10 — A Democracia instala-se em Portugal. Rue o respeito tradicional pela ordem e autoridade; proclama-se que o homem é fundamentalmente bom; começa a crise financeira, pois o novo regime precisa pagar aos seus fieis servidores.

Anarquia nos espíritos, e o insulto é livre. Sintomas agudos do próximo descalabro económico, ainda impedido pela Agricultura.

UM VIMARANENSE.

## Pelo Império — Centenários

Portugal, como tôdas as nações, tem atravessado crises que se redimem em esforços épicos, próprios dum Povo com Fé inabalável.

Somos poucos, mas nem por isso, quando menos ainda eramos, deixamos de dar todo o sacrifício e lutar com acendrado patriotismo e elevada fé pela civilização.

Gritar a plenos pulmões o que outrora se fêz, só servirá de encitamento para a luta. Uma leve paragem, que não seja motivada pela necessidade de reparação e reorganização de esforços, seria bastante para a derrota, que nos aviltaria.

E, neste momento, em que no mundo se agitam os braços armados, poucos como somos não nos deixaremos ficar inertes à espera do golpe de misericórdia.

Vão surgir Centenários da nossa formação Nacional e, entre os faustos dos festejos que se preparam, é necessário que fique vincado, em sulco profundo, um novo galhardo na elevação da Pátria como a atestar o prosseguimento e revigoração da nossa Raça.

Guimarães, que albergou e defendeu a formação Nacional, não pode fugir, sem a deshonra, ao cumprimento do seu dever. Às suas elites incumbe a tarefa de continuar lustrando os pergaminhos e os seus altaneiros brasões.

Venho apresentar, com humildade, uma sugestão que não é produto de sonhos, mas sim uma firmeza de crente.

— Não seria possível iniciar-se uma subscrição Nacional, para que do seu resultado se fundasse uma aldeia em Angola (Aldeia da Independência) e outra em Moçambique (Aldeia da Restauração)?

Eu sei e sinto que a crise económica é universal; Mas não teríamos possibilidade de conseguir 1 milhão de subscritores, que com generosidade e patriotismo cedessem do seu salário 1 ou 2 escudos? Seria irrisória a resposta se fôsse negativa.

Essa subscrição que uma entidade oficial poderia organizar, patrocinada pelo Conselho do Império tenho a certeza que vingaria.

Eu não sonho. Ponhamos os olhos na obra colonial Italiana.

A hora presente requer sacrificios! Façamo-los. Dez habitações que fôssem representariam bem mais que qualquer obra de arte em estátua.

Qual será preferível? Contribuir para um banquete onde as gulodices sem número vos podem causar a morte ou contribuir para uma obra de civilização, de vida do Império? Tudo depende da vontade.

Aquêles pequeninos núcleos realizados pelo crer e querer do nosso Povo seriam dois padrões que se elevariam através dos tempos, frutificando e recordando o começo duma nova era.

Seriam dois documentos a juntar àqueles que possuímos para justificar perante os insaciados a razão de termos um Império capaz de progredir pelo nosso esforço.

Seriam uma lição no Futuro.

VASCONCELOS.

Lêde e propagai  
"Ressurgimento"